

O outro pequeno livro sobre a consagração da Igreja de St.-Denis (século XII)¹

Abade Suger²

Tradução: Daniela Kern

Notas de rodapé: Rafael Machado Costa

II. Quando o glorioso e famoso Rei dos Francos, Dagoberto³, notável por sua magnanimidade real na administração de seu reino e ainda não menos devoto à Igreja de Deus, rumou para o povoado de Catulliacum a fim de escapar da intolerável fúria de seu pai Clotário⁴, e quando soube que as veneráveis imagens dos Santos Mártires que permaneceram lá — aparecendo a ele como homens muito belos vestidos em trajes brancos — requisitaram seus serviços e imediatamente lhe prometeram sua ajuda com palavras e ações, ele ordenou com admirável afeto que fosse erigida, com real Magnificência, uma basílica dos Santos. Quando ele construiu essa [basílica] com uma maravilhosa variedade de colunas de mármore a enriqueceu incalculavelmente com tesouros dos mais puros ouro e prata e pendurou em suas paredes, colunas e arcos tapeçarias tecidas de ouro e ricamente adornadas com uma variedade de pérolas, de modo que parecem superar os ornamentos de todas as outras igrejas e, vicejando com incomparável lustro e adornadas com todas as belezas terrestres, podem brilhar com inestimável esplendor. Apenas uma coisa estava faltando nele: que não tivesse permitido o tamanho que era necessário. Não que faltasse algo em sua devoção ou boa vontade; mas talvez não existisse então, naquele tempo da Igreja

¹ Traduzido a partir de *The other little book of the consecration of the church of St.-Denis*. Trad. Erwin Panofsky. In: HOLT, Elizabeth. *A documentary history of art*, volume I: The Middle Ages and the Renaissance. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1981. p. 36-48.

² Suger (1081-1151). Abade da Catedral de Saint-Denis entre 1122 e 1151, foi conselheiro dos reis Louis VI (1081-1137, r. 1108-1137) e Louis VII (1120-1180, r. 1137-1180), chegando a exercer função como um dos três Regente Reais de 1147 a 1149. O presente relato foi escrito entre 1144 e 1147.

³ Dogobert I (c. 605-c. 639). Monarca franco da dinastia Merovíngia, Rei da Austrásia a partir de 623 e herdando as coroas da Nêustria (Neustrie) e Borgonha a partir de 629, tornando-se Rei de Todos os Francos até sua morte.

⁴ Clotaire II (584-629). Rei dos Francos da Nêustria (Neustrie) de 584 a 613, Rei dos Francos de Paris de 595 a 613 e Rei de Todos os Francos de 613 a 629.

Primitiva, nenhuma [igreja] tão grande quanto ou [mesmo] igual em tamanho; ou talvez [ele tenha pensado que] uma menor — refletindo o esplendor dos radiantes ouro e gemas aos olhos cheios de admiração de modo mais vivo e agradável porque estivessem mais próximos — iria brilhar com maior radiância do que se tivesse sido construída com tamanho maior.

Através de uma afortunada circunstância relativa a essa singular pequenez — o número de fiéis crescendo e frequentemente se reunindo para ver a intercessão dos Santos — a mencionada basílica acabou por enfrentar graves inconveniências.

Com frequência em dias de festa, completamente lotada, ela expelia através de todas as suas portas o excesso da multidão, na medida em que esta se movimentava em direções opostas, e a pressão externa dos que estavam na frente não apenas impedia de entrar aqueles que o estavam tentando como também expulsava aqueles que já haviam entrado. Às vezes você pode ver, uma maravilha de se observar, que a apinhada multidão oferecia tanta resistência àqueles que se esforçavam em acorrer à veneração e beijar as relíquias sagradas, o Cravo e a Coroa do Senhor, que ninguém entre os incontáveis milhares de pessoas por causa da própria densidade podia mexer um pé sequer; que ninguém, por causa do próprio congestionamento, podia [fazer] qualquer coisa a não ser ficar em pé como uma estátua de mármore, ficar entorpecido ou, em última instância, gritar. O estresse das mulheres, no entanto, era tão grande e tão intolerável que [você pode ver] o quanto elas, comprimidas pela massa de homens fortes, como em um lagar, exibiam faces pálidas como em uma morte imaginada; o quanto elas gritavam alto, como se estivessem em trabalho de parto; o quanto muitas delas, miseravelmente pisoteadas [mas então], erguidas pela piedosa assistência de homens acima das cabeças da multidão, caminhavam adiante como se estivessem presas à calçada; e o quanto muitas outras, arquejando com seu último suspiro, ofegavam no claustro dos irmãos para desespero de todos. Além disso, os irmãos que estavam mostrando os símbolos da Paixão de Nosso Senhor aos visitantes tinham de ceder à sua fúria e tumulto e muitas vezes, não tendo para onde se voltar, escapavam com as relíquias pelas janelas. Quando fui instruído pelos irmãos, ainda estudante, costumava ouvir sobre isso; em minha juventude eu deplorava isso de fora; em minha idade madura eu zelosamente lutei para que isso fosse corrigido. Mas quando agradou a Ele, que me separou do ventre de minha mãe, e me chamou por intermédio de Sua graça, colocar a mim, insignificante, ainda que meus méritos fossem contra isso, à frente de tão importante administração dessa sagrada igreja; então, impelidos pela correção da mencionada inconveniência apenas pela infável misericórdia de Deus Todo-Poderoso e pela ajuda dos Santos Mártires e dos Santos Patronos, resolvemos

apressar, com toda a nossa alma e todo o afeto de nossa mente, a ampliação do mencionado local — nós que nunca presumíamos colocar nossa mão nisso, nem mesmo pensar nisso, se uma ocasião tão grande, tão necessária, tão útil e honrosa não o demandasse.

Uma vez que na parte frontal, em direção ao norte, na entrada principal com as portas principais, o estreito hall estava comprimido de cada lado por torres gêmeas nem altas, nem muito robustas, mas que ameaçavam ruir, começamos, com a ajuda de Deus, a trabalhar extenuantemente nessa parte, tendo colocado fundações de material muito forte para uma nave reta e torres gêmeas, e mais fortemente espirituais das quais se diz: Pois outra fundação nenhum homem pode por além desta que está posta, que é Jesus Cristo. Inclinando-nos ante o conselho inestimável e a ajuda irrefragável de Deus, nós avançamos com essa obra tão grande e tão suntuosa em tal medida que, enquanto no princípio, gastando pouco, carecíamos de muito, depois, realizando muito, nada nos faltava e estávamos mesmo reconhecidos em nossa abundância: Nossa suficiência é de Deus. Através de um presente de Deus uma nova pedreira, que produzia pedra muito forte, foi descoberta, com uma qualidade e quantidade que nunca havia sido encontrada nessas regiões. Chegou uma habilidosa multidão de pedreiros, cortadores de pedra, escultores e outros trabalhadores, de modo que — de qualquer maneira — a Divindade livrou-nos de nossos medos e nos favoreceu com Sua boa vontade ao nos confortar e ao nos prover com inesperados [recursos]. Eu costumava comparar o menor com o maior: as riquezas de Salomão poderiam não ter sido mais suficientes para seu Templo do que as nossas para esse trabalho, não fosse o mesmo Autor da mesma obra a abastecer abundantemente Seus servos. A identidade do autor e da obra oferece o suficiente ao trabalhador.

Ao estabelecer tais planos meu primeiro pensamento foi conciliar e harmonizar a obra antiga e a nova. Por meio de reflexão, indagação e investigação através de diferentes regiões de distritos remotos, nós nos empenhamos em aprender onde poderíamos obter colunas de mármore ou colunas equivalentes. Uma vez que não encontramos nada, nos restou apenas uma coisa, preocupados de mente e de espírito: poderíamos obtê-las em Roma (pois em Roma muitas vezes vimos algumas maravilhosas no Palácio de Diocleciano⁵ e outros Banhos) por meio de embarcações seguras através do mediterrâneo, dali através do mar inglês e das sinuosas margens do rio Sena, a grande custo para nossos amigos e mesmo sob escolta de nossos

⁵ Residência construída pelo imperador romano Gaius Aurelius Valerius Diocletianus (244-311, r. 284-305), após sua abdicação ao trono, na cidade de Split na costa da Dalmácia, atualmente território da Croácia.

inimigos, os vizinhos sarracenos. Por muitos anos, por um longo tempo, ficamos perplexos, pensando e fazendo indagações — quando repentinamente a generosa magnificência do Todo- Poderoso, condescendente com nossos trabalhos, revelou para surpresa de todos e através do mérito dos Santos Mártires, o que ninguém jamais teria pensado ou imaginado: [colunas] muito refinados e excelentes. Portanto, os maiores atos de graça, contrários à esperança e expectativa humanas, a misericórdia Divina deliberou oferecer através de um local adequado que não poderia ser mais agradável para nós, os maiores [atos de gratidão] pensamos que valeriam nosso esforço para oferecer, em retorno, como remédio à tão grande angústia. Pois próximo a Pontoise⁶, uma cidade adjacente aos confins de nosso território, havia [sido encontrada] uma maravilhosa pedreira [que] nos tempos antigos havia oferecido um profundo abismo (esvaziado não pela natureza, mas pela indústria) para cortadores de mós para sua subsistência. Tendo produzido nada de notável desde então, ela reserva, pensamos, o começo de tão grande utilidade para tão grande e divina construção — como uma primeira oferenda, como se fosse a Deus e aos Santos Mártires. Quando as colunas foram arrastadas do fundo do declive com cordas amarradas, tanto nossos próprios trabalhadores como os vizinhos piedosos, nobres e pessoas comuns, ataram seus braços, peitos e ombros com as cordas e, agindo como animais de carga, ergueram as colunas; e na declividade no meio da cidade os diversos artesãos deixaram de lado os instrumentos de seu ofício e foram encontrá-los, e oferecendo sua própria força contra a dificuldade da estrada, homenageando o tanto que podiam a Deus e aos Santos Mártires. Ocorreu um maravilhoso milagre, digno de menção, o qual nós, tendo ouvido sobre ele daqueles que estavam presentes, decidimos registrar com pena e tinta em louvor do Todo-Poderoso e de Seus Santos.

III. Certo dia quando, devido a um aguaceiro, uma negra opacidade cobriu o ar turbido, aqueles acostumados a ajudar na obra enquanto as carroças chegavam na pedreira foram embora devido à violência da chuva. Os condutores dos bois reclamaram e protestaram que não tinham nada para fazer e que os trabalhadores estavam sem fazer nada e perdendo tempo. Eles ficaram tão insistentes em seus protestos que algumas pessoas fracas e inválidas, juntamente com uns poucos meninos — dezessete em número e, se não estou enganado, com um sacerdote presente — correram para a pedreira; pegaram uma das cordas, prenderam-na a uma

⁶ Atualmente uma comuna francesa localizada, aproximadamente, 25 km a noroeste de Paris.

coluna e abandonaram outro tronco que jazia no chão; pois ali não havia ninguém que pudesse tentar erguê-lo. Assim, animado por piedoso zelo, o pequeno grupo orou: “Oh, São Denis, se te agradar, ajude-nos lidando o senhor mesmo com esse tronco abandonado, pois não pode nos culpar por não sermos capazes de lidar com ele”. Deste modo, suportando o peso, eles arrastaram o que cento e quarenta ou ao menos cem homens estavam acostumados a arrastar do fundo do precipício com dificuldade — não sozinhos, pois isso teria sido impossível, mas através da vontade de Deus e da assistência dos Santos que invocaram; e eles levaram esse material para a igreja de carroça. Assim, foi dado a conhecer pela vizinhança que essa obra agradou demasiado ao Deus Todo-Poderoso, uma vez que por louvor e glória de Seu nome Ele escolheu dar Sua ajuda àqueles que a realizaram através desse e de semelhantes sinais.

Como uma segunda instância é relatado outro evento digno de lembrança, de notável narrativa e merecedor de ser registrado com autoridade. Quando a obra foi, em sua maior parte, terminada, quando as histórias da velha e da nova construção foram unidas, e após termos deixado de lado a ansiedade que por muito tempo sentimos devido àquelas escancaradas rachaduras nas velhas paredes, nós empreendemos com nova confiança o reparo dos danos nos grandes capitéis e nas bases que sustentavam as colunas. Mas quando nós perguntamos tanto aos nossos carpinteiros quanto a aqueles de Paris onde poderíamos encontrar vigas eles nos disseram, o que era na opinião deles verdadeiro, que tal coisa de modo algum poderia ser encontrada nessas regiões, devido à falta de florestas; elas necessariamente teriam de ser trazidas até aqui do distrito de Auxerre⁷. Todos concordavam com essa opinião e estávamos muito preocupados com isso, devido à magnitude da tarefa e do grande atraso do trabalho; mas em certa noite, quando voltei, após celebrar as Matinas⁸, comecei a pensar na cama que eu mesmo deveria percorrer todas as florestas dessas regiões, procurando por toda a parte, pois aqueles atrasos e transtornos seriam aliviados se [vigas] pudessem ser encontradas ali. Rapidamente deixando de lado outras obrigações e nos apressando no começo da manhã, nós acorremos com nossos carpinteiros, e com as medidas das vigas, à floresta chamada Iveline⁹. Quando atravessamos nossa possessão no Vale de Chevreuse¹⁰ nós

⁷ Vila na região da Bourgogne.

⁸ Momento litúrgico integrante da *Liturgia das Horas*. Foi rebatizado como *Ofício de Leitura* pelo Concílio do Vaticano II ocorrido entre 1962 e 1965.

⁹ Floresta localizada no território dos Senhores de Montfort.

¹⁰ Nome dado à região do vale do Rio Yvette, que passa pelos departamentos de Yvelines e Essonne.

convocamos através de nossos criados os responsáveis de nossas próprias florestas bem como homens que conhecessem as outras florestas, e os questionamos, sob juramento, sobre onde poderíamos encontrar ali, não importa com quanto trabalho, quaisquer árvores de madeira para construção daquele tamanho. Diante disso eles sorriram, ou antes teriam rido de nós se tivessem ousado; eles se perguntavam como podíamos ignorar o fato de que nada desse tipo poderia ser encontrado em toda a região, especialmente desde Milão, o Castelão de Chevreuse (nosso vassalo, que arrenda de nós metade da floresta em adição à outro feudo) nada deixou inalterado ou intocado que pudesse ser usado para a construção de paliçadas e baluartes, uma vez que ele ficou muito tempo submetido a guerras tanto por nosso Senhor o Rei¹¹ quanto por Amaury de Montfort¹². Nós, no entanto — rejeitando o que quer que pudessem dizer — começamos, com a coragem de nossa fé, como se diz, a procurar através das florestas; e em torno da primeira hora encontramos uma árvore adequada à medida. Para que dizer mais? Na hora nona ou um pouco antes nós tínhamos, através dos matagais, das profundezas das florestas e dos densos, espinhosos labirintos, marcado doze árvores (pois eram tantas assim as necessárias), para surpresa de todos, especialmente daquelas que estavam no local; e quando elas foram carregadas para a sagrada basílica, nós as utilizamos, para louvor e glória de Nosso Senhor Jesus, Quem, protegendo-as das mãos dos saqueadores, as reservou para Si mesmo e para os Santos Mártires como Ele desejou fazer. Assim, nesse assunto a generosidade Divina, que escolheu temperar e conceder todas as coisas de acordo com peso e medida, manifestou-se como nem excessiva, nem insuficiente; pois nenhuma [árvore] a mais do que o necessário pôde ser encontrada.

IV. Assim continuamente encorajado em tão grandes empreitadas por tão grandes e manifestos sinais, nós imediatamente nos apressamos para a conclusão da já mencionada construção. Tendo deliberado de que maneira, por quais pessoas e o quão solenemente a igreja deveria ser consagrada ao Todo-Poderoso, e tendo

¹¹ Louis VII (1120-1180), Rei de França entre 1137 e 1180. Entrou em conflito militar contra Conde Thibaut IV de Blois (c. 1090-1152) e o Papa Inocêncio II (pontificado 1130-1143) em razão da disputa entre seu candidato, Bernard de Fontaine — conhecido como Bernard de Clairvaux — (c. 1090-1153, canonizado em 1174), com um monge da Abadia de Cluny, apoiado por Thibaut e Inocêncio, pelo cargo de Bispo de Langres. O conflito durou de 1141 a 1143, até a assinatura do Tratado de Vitry, em que o rei concordou em tomar parte na Segunda Cruzada.

¹² Até a época em que o texto foi elaborado, existiram quatro Senhores de Montfort com este nome: Amaury I (?-1053), Amaury II (?-1089), Amaury III (1063-1137) e Amaury IV (?-1140). Provavelmente Suger trata aqui de Amaury IV, que era o Senhor de Montfort até pouco antes deste relato. Poderia também se tratar do fato de que Amaury I ordenou a construção de um castelo feito de madeira, mas o ocorrido se deu quase um século antes deste texto ser escrito.

convocado o excelente homem, Hugues, Arcebispo de Ruão, e os outros veneráveis Bispos Eudes de Beauvais [e] Pedro de Senlis, cantamos em celebração dessa cerimônia um polifônico louvor em meio a uma grande multidão de diversos personagens eclesiásticos e uma enorme de clero e leigos... No que diz respeito à data de conclusão, no entanto, essa é a verdade estabelecida tal como pode ser lida — oh, possa isso não ser obscurecido! — na inscrição dourada sobre as douradas portas que nós mandamos fazer em honra de Deus e dos Santos:

“Foi no ano mil cento e quarenta da Palavra que [essa estrutura] foi consagrada.”

Depois da consagração da Capela de St. Romanus e de outras que, com a ajuda da Mais Alta Majestade, foram celebradas na parte frontal [da igreja], nossa devoção — muito revigorada por seu próprio sucesso, por tanto tempo e intoleravelmente perturbada pelo congestionamento em torno do Santo dos Santos — direcionou nossas intenções para outro objetivo: livres do mencionado trabalho, e através do adiamento da conclusão das torres em suas porções superiores, nós iremos lutar com todo o nosso poder a dedicar trabalho e gastos, de modo tão adequado e nobre quanto possa isso ser feito, à ampliação da igreja nossa mãe — um ato de gratidão porque a condescendência divina reservou tão grande obra a tão pequeno homem, que foi o sucessor da nobreza de tais grandes reis e abades. Informamos esse plano a nossos muito devotos irmãos, cujos corações queimaram por Jesus enquanto Ele falava a eles no caminho. Deliberando sob inspiração de Deus, escolhemos — em vista dessas bênçãos que, pelo testemunho dos veneráveis escritos, a Divina ação concedeu à antiga consagração da igreja por extensão da própria mão [de Cristo] — respeitar as próprias pedras, sagradas como são, como se elas fossem relíquias; [e] tratando de enobrecer o novo acréscimo, que será iniciado sob a pressão de tão grande necessidade, com a beleza de comprimento e largura. Mediante consideração, então, foi decidido remover aquele vão, diferentes do mais elevado, que, no alto, fechava o apse que continha os corpos de nossos Santos Patronos, de um extremo a outro até a superfície superior da cripta à qual é contíguo; de modo que essa cripta possa oferecer seu topo como um pavimento para aqueles que se aproximam através de qualquer uma das duas escadas, e possa apresentar os relicários dos Santos, adornadas com ouro e gemas preciosas, ao olhar dos visitantes em um local mais elevado. Além disso, foi sagazmente estabelecido que — através

das colunas superiores e dos arcos centrais que serão colocados sobre os mais baixos construídos na cripta — a nave central da antiga nave deve ser equiparada, por meio de instrumentos geométricos e aritméticos, à nave central do novo acréscimo; e, do mesmo modo, que as dimensões das asas do lado antigo devem ser equiparadas com as dimensões das asas do lado novo, exceto por aquele elegante e elogiável acréscimo, [na forma de] uma cadeia circular de capelas, em virtude do qual toda [a igreja] irá brilhar com a maravilhosa e ininterrupta luz das mais sagradas janelas, pervadindo a beleza interior.

V. Por três anos apressamos a conclusão da obra a grande custo, com uma numerosa multidão de trabalhadores, inverno e verão a fim de que Deus não tenha motivo para reclamar de nós: Teus olhos devem ver minha substância, ainda que imperfeitos; fizemos bom progresso com Sua própria cooperação e, à semelhança das coisas Divinas, foi estabelecida para alegria de toda a terra do monte Zion, nos lados do norte, a cidade do Grande Rei, em meio à qual Deus não irá ser movido, mas não irá desdenhar, tocado pelos rogos dos pecadores, ser aplacado e apaziguado pelo doce cheiro dos incensos oferecidos pelos penitentes. O centro do edifício, no entanto, foi repentinamente elevado por colunas que representavam o número dos Doze Apóstolos e, secundariamente, por outras tantas colunas nas asas laterais, significando o número dos Profetas [menores], de acordo com o Apóstolo que construiu espiritualmente. Agora, portanto, não há mais estrangeiros e forasteiros, disse ele, mas compatriota dos santos e da família de Deus; e é construída sobre a fundação dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a principal pedra angular que liga uma parede à outra; em Quem toda a construção — seja espiritual ou material — cresceu como um templo sagrado no Senhor. Em Quem nós, também, somos ensinados a sermos construídos juntos como uma habitação para Deus através do Espírito Santo, por nós mesmos, de modo espiritual, que mais elevada e adequadamente vamos lutar para construir de um modo material.

Enquanto isso — principalmente solícitos em relação ao traslado de nossos Santos Patronos, da maioria dos Santos Mártires e também dos outros santos que, espalhados pela igreja, eram cultuados nas diferentes capelas — nos sentimos devotamente decididos a embelezar seus mais sagrados relicários, especialmente aqueles dos Patronos; e selecionando [um lugar] para onde pudessem ser transferidos [assim como se apresentarem a si mesmos] aos olhares dos visitantes de uma maneira mais gloriosa e conspícua, nós tratamos de, com a ajuda de Deus, construir

[uma tumba] muito ilustre, tanto pela excelente indústria da arte dos ourives como pela riqueza de ouro e pedras preciosas. Fizemos preparativos para fortalecê-los em toda a sua extensão, externamente nobres pelo ornamento por virtude desses e de similares [materiais preciosos], e ainda assim internamente não ignóbeis no que diz respeito à segurança, em virtude de uma alvenaria de pedras muito fortes; e no exterior — a fim de evitar que o local seja desfigurado pelo material das pedras expostas — adorná-los (ainda que não [de forma tão atraente] quanto seria apropriado) com painéis dourados de cobre fundido. Pois a generosidade de tão grandes Padres, experienciada por nós mesmos e por todos, demanda que nós, os mais miseráveis homens que sentimos, bem como precisamos de sua tutela, consideremos digno dela nosso esforço em cobrir as mais sagradas cinzas daqueles cujos veneráveis espíritos, radiantes como o sol, servindo a Deus Todo-Poderoso com o mais precioso material que possivelmente a nosso alcance: com ouro refinado e uma profusão de jacintos, esmeraldas e outras pedras preciosas. Uma coisa, no entanto, escolhemos fazer de modo resplandecente: iremos erigir diante dos mais honoráveis corpos dos Santos que nunca estiveram ali antes — um altar para o culto sacrificial de Deus, onde papas e pessoas de alta posição possam dignamente oferecer os sacrifícios expiatórios, aceitáveis para Deus, com a intercessão daqueles que oferecem a si mesmos a Deus como uma fragrante oferenda. Enquanto nós, sobrepujados pela timidez, planejamos colocar na frente desse [altar] um painel dourado mas modesto, os próprios Santos Mártires entregaram a nós uma tal riqueza de ouro e das mais preciosas gemas — inesperada e rara de ser encontrada entre reis — como se eles estivessem dizendo a nós com seus próprios lábios: “Quer queiras isso ou não, queremos que seja do melhor”; de modo que nós nem poderíamos ter ousado, ou ter sido capazes de fazer com que isso fosse outra coisa a não ser algo admirável e muito precioso em acabamento, assim como em material. Pois não apenas os próprios pontífices — que as usavam especialmente em função da dignidade de suas posições — consentiram, quando estavam presentes, a destinar seus anéis pontificais, feitos com uma maravilhosa variedade de pedras preciosas, a esse painel; eles mesmo, se estavam ausentes em terras além-mar, enviaram-nos de própria vontade, incitados pelo amor aos Santos Mártires. Também o próprio ilustre Rei, oferecendo de sua própria vontade esmeraldas, translúcidas e distintas pelas marcas — Conde Thibaut¹³, jacintos e rubis —, pares e príncipes, pérolas preciosas de diversas cores e propriedades: [tudo isso] nos convidou a

¹³ Thibaut de Blois (c. 1090-1152), também conhecido como Thibaut II ou Thibaut IV, O Grande. Conde de Blois, Chartres, de Meaux e de Châteaudun. Entre 1102 e 1151 também Senhor de Sancerre, e de 1125 a 1151 Conde de Troyes e de Champagne. (Ver *nota 11* sobre seu dissídio com Louis VII.)

completar a obra de modo glorioso. Em acréscimo, tantas [gemas e pérolas] foram trazidas a nós para venda de quase todas as partes do mundo (e, pela graça de Deus, nós também oferecemos com o que comprá-las) que devemos ter sido incapazes de deixá-las ir sem grande vergonha e ofensa aos Santos. Aqui e em outras partes podemos encontrar pela experiência: deixe haver uma boa obra na vontade — então, com a ajuda de Deus, isso ocorrerá em perfeição. Assim, cada um que pretenda levar embora com temeridade, ou conscientemente diminuir esse ornamento apresentado pela devoção de tais grandes homens a tais grandes Protetores: possa ele merecer a cólera de nosso Senhor Denis e ser perfurado pela espada do Espírito Santo.

Nem penso ser adequado permanecer em silêncio a propósito do seguinte fato: quando a obra na nova adição com seus capitéis e arcos superiores estava sendo conduzida ao pico de sua altura, mas os arcos superiores — sustentando-se por si mesmos — ainda não haviam sido unidos uns aos outros, como são agora, pelo volume dos arcos, repentinamente caiu uma terrível e quase incontrolável tempestade com uma ofuscação de nuvens, uma inundação de chuva, e violentíssimas rajadas de vento. Tão poderosa essa [tempestade] se tornou que colocou abaixo não apenas casas bem construídas, mas mesmo torres de pedra e baluartes de madeira. Naquela época, em certo dia (o aniversário do glorioso Rei Dagoberto), quando o venerável bispo de Chartres¹⁴, Geoffroy¹⁵, estava solenemente celebrando no altar principal uma missa conventual pela alma do supracitado rei, uma imensa força de vendavais contrários se arremessou contra os mencionados arcos, não amparados por nenhum andaime, nem apoiados em quaisquer escoras, que ameaçavam perigosamente ruir a qualquer momento, tremendo de modo miserável e, de certa maneira, balançando para cima e para baixo. O Bispo, alarmado pela forte vibração desses [arcos] e do teto, frequentemente estendia sua mão abençoada na direção daquela parte e urgentemente segurada em sua direção, enquanto fazia o sinal da cruz, o braço do idoso São Simeão; de modo que ele escapou ao desastre, não através de sua própria fortaleza interior, mas pela graça de Deus e pelo mérito dos Santos. Assim [a tempestade], enquanto trouxe calamitosa ruína em muitos lugares a prédios que se acreditava serem firmes, foi incapaz de danificar esses arcos isolados e recém-construídos, balançando em pleno ar, porque isso foi repelido pelo poder de Deus.

Seguiu-se outro memorável evento que ocorreu, não por acidente (como acreditam em tais matérias aqueles que concordam com a doutrina segundo a qual

¹⁴ Vila situada 90 km a sudoeste de Paris.

¹⁵ Geoffroy de Lèves (?-1149). Bispo de Chartres de 1115 a 1149 de tendência reformista que promoveu o desenvolvimento da Escola de Chartres.

O acaso vaga sem rumo,

Traz e traz de volta eventos;

e o Acidente governa tudo o que é mortal¹⁶),

mas pela Generosidade Divina que abundantemente provê aqueles que colocam Nela sua esperança em todas as coisas grandes e pequenas, e administra o que Ela sabe ser benéfica. Em certo dia nós conversávamos com nossos amigos, empregados e administradores sobre as provisões para a corte [a serem armazenadas na ocasião] da iminente consagração, porque antecipamos que seria muito grandiosa; e, considerando a dificuldade dos tempos (pois em Junho quase todos os mantimentos eram escassos), nós providenciamos muito bem todas as outras coisas. Apenas uma coisa nos preocupava gravemente devido a uma praga entre as ovelhas nascidas naquele ano tivemos de procurar por carneiros no distrito de Orléans e pela Burgúndia. Eu relutantemente ordenei que se desse 1000 *shillings*, ou o que quer que fosse necessário, para aqueles que fossem lá com esse propósito, a fim de evitar que levassem tanto tempo retornando, dado que iniciaram tão tarde. Mas na manhã seguinte, quando eu, de acordo com o costume, saí correndo de nossa pequena câmara para a celebração da Santa Missa, um monge premonstratense¹⁷ repentinamente me levou de volta a meu quarto, apesar de meus protestos. Quando eu — um pouco irritado porque ele me desviou de tão grande tarefa — a ele respondi sem muita civilidade, ele disse: “Nós ouvimos, Senhor Padre, que você precisa de carne de carneiro para a iminente celebração de sua consagração; portanto, enviado por seus irmãos, eu trago à sua Paternal Graça um muito grande rebanho de carneiros, de modo que o senhor pode pegar o que gostar e nos devolver o que não gostar”. Quando ouvimos isso pedimos a ele que esperasse por nós até o final da Missa, e após a Missa informamos nossos irmãos em sua presença sobre o que ele nos havia oferecido. Eles atribuíram isso à Generosidade Divina porque eu fui inesperadamente provido, através da piedosa irmandade que trouxe isso até aqui, com a única coisa que nos faltava e que teria sido exaustivo procurar.

¹⁶ LUCANUS, Marcus Annaeus (39-65). *Pharsalia* ou *De Bello Civili*, Livro II, versos 12 e 13: “*Foris incerta vagatur/ Fertque refertque vices, et habent mortalia casus*”.

¹⁷ A Ordem Premonstratense é uma ordem religiosa da Igreja Católica cujos integrantes são identificados como cônegos regulares premonstratenses, conhecidos também como Cônegos Brancos ou Cônegos de São Norberto. Foi fundada por São Norberto (c. 1080-1134) em 1119 como uma derivação dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho.

VI. Agora a laboriosa consumação do trabalho e nossa suspensa devoção, que foi pintada por isso um longo tempo, demandam a consagração da nova igreja. E uma vez que nós fervorosamente desejamos que essa consagração, assim como o traslado de nossos Santos Patronos, seja o mais solene evento — como o ato de gratidão que é, e como o mais bem-vindo fruto de nossos labores — marcamos, sob deliberação e com o gracioso consentimento de sua Majestade Real Luís¹⁸ o Mais Sereno Rei dos Francos (pois ele ardentemente deseja ver os Santos Mártires, seus protetores), a data da cerimônia para o segundo domingo em junho, isto é, o terceiro dia antes das Ides, o dia do Apóstolo Barnabás¹⁹...

¹⁸ Ver *nota 11*.

¹⁹ Dia 11 de junho.